AS PRAIAS

MOCURIPE

A seis kilometros, ao Oriente da cidade da Fortaleza, acha-se situado o formoso povoado do Mocuripe, antigo Mocuripé dos primeiros exploradores.

Que delicioso passeio não é a travessia de um a outro ponto pela margem daquelle mar bravio em fóra, a ouvir a ruidosa musica das ondas que vem quebrar-se de encontro á praia salpicando de branca espúma as areias dos môrros!

Como agrada contemplar aos primeiros clarões da aurora o revolutear do oceano na vastidão das suas aguas, e delicia-se o olhar mergulhando no azul esfumado do horisonte, lá na distancia, onde parece que se apagam os limites do céo e da terra!

A' direita acompanha os recortes da praia a orla verde-negro dos arbustos e arvores que cobrem os môrros, mesquinha vegetação a que a sciencia denominou hamadryade.

Por aqui veem-se as lindas casas ensombradas de cajueiros e mangueiras do Meirelles.

Mais além está o povoado do Mocuripe com a sua capellinha brilhante de alvura á luz corruscante do sol.

Ella defronta com o Norte.

A população em geral é composta de jangadeiros, lobos do mar, que nasceram e criaram-se sobre as ondas, percorrendo as costas e indo pescar á risca como chamam elles a extrema do horisonte.

Tem algumas casas caiadas e cobertas de telhas; as demais são feitas de palha de carnahuba, quasi todas erguidas por entre os coqueiros que occupam largo espaço, da pequena planicie até as dunas de seis metros de altura, que ameaçam sepultar a formosa aldeia.

A alguns passos dahi, na ponta que forma a enseada está o pharol, situado aos 3° 41' 10" de latitude Sul e aos 4° 34' e 36" de longitude Oriental do Rio de Janeiro.

O apparelho de luz é dioptrico, de 4.ª ordem; e exhibe lampêjos de minuto a minuto. O plano focal eleva-se a 33,^{m}36 ao do nivel da preamar; a luz é visivel á distancia de 12 milhas, em tempo claro. Os navios de maior calado podem passar a uma milha do pharol.

O ancoradoiro na enseada de Mocuripe está mais amparado dos ventos reinantes que sopram dos pontos entre ENE e E; egualmente, porem, como este contra os ventos entre ESE e SO.

A enseada está inteiramente exposta aos ventos NE, NNO e ONO e aberta ao vento O.

Durante a maior parte do anno, o ancoradoiro interno constitue seguro porto de abrigo para navios cujo calado não exceda de 6,^{m} (19,68 pés).

Ha ahi uma escola mixta que é regularmente frequentada.

Os jangadeiros amam do imo d'alma o seu velho torrão com certo desvanecimento, e ufanam-se de referir factos que datam do começo da colonização.

Ancoraram na sua enseada as esquadras de Jeronymo de Albuquerque em 1613, e as duas dos Hollandezes em 1637 e 1649.

Foi ponto fortificado em 1801, por ordem do governador Bernardo Manoel de Vasconcellos, com quatro baterias sob os nomes de forte S. Bernardo do Governador, forte Princeza Carlota, forte S. João Principe e S. Pedro Prin-

cipe, tendo mais um quartel-vigia, de que, ainda não ha muito, se viam as ruinas que foram depois soterradas.

Uma minuciosa planta, a cores, de que é feliz possuidor o Snr. Barão de Studart, conserva para a historia a noticia dessas e outras construcções esparsas então pela costa de Mocuripe.

Desde o anno anterior, já se tinham por alli estabelecido casas de inspecção e arrecadação do imposto de 160 réis sobre arroba de algodão.

Em documentos antigos era denominada a sua enseada Porto de S. Luiz do Mocuripe.

Já teve a pauperrima povoação a sua importancia.

Nas bellas noites de lua, cujos raios esbatendo-se nos alvos môrros de areia fazem da noite dia e do mar um lago azul semeado de scintillações de prata, eu os tenho ouvido, sentado entre elles nas jangadas, ao relento, contarem horriveis historias de encantamento, de phantasmas, de visões, de luctas que tem sustentado com animaes desconhecidos e hediondos, dos quaes muitos têm sido victimas e nunca mais voltaram a terra do seu nascimento.

As sereias com seus cantos maviosos prendem alguns por lá, outros mais medrosos são arrebatados pelo rôlo do mar.

Que doce impressão não nos deixa n'alma a narração das luzes multicôres que apparecem e desapparecem correndo por cima das aguas; das vozes, dos gemidos, dos assobios, dos soluços que se ouvem por toda a parte a hora da meia noite; das mulheres vestidas de branco ou vestidas de negro que os acompanham na solidão do oceano, á doce luz do luar, chamando-os pelos nomes como se fossem conhecidas; dos pequenos barcos embandeirados, profusamente illuminados e tripolados por damas formosissimas, que cantam ao som de deliciosos instrumentos celestiaes harmonias de uma doçura estranha e inebriante, fazendo-os extasiar e esquecer o logar onde se acham; de mil assombrosas aventuras, scenas sobre-

naturaes, coisas mysteriosas que dizem ter visto e ouvido, e referem com uma ingenuidade infantil!

Oh, santa simplicitas!

Ao tempo das novenas de N. S. da Saude, a bôa e terna padroeira dos pescadores, a população da capital se transporta ao povoado, e então a festa torna-se sobremodo animada, e o regosijo é geral.

Enfeitam a capellinha de tantas flores, de tantas palmas, de tantas luzes que parece um ceu aberto.

Tiros e foguêtes atroam os ares por toda a parte e a cada instante.

Os rapazes da aldeia apresentam-se de camisa de flanella de côr e calça branca engommada com larga faixa vistosa á cinta; e as moças, de vestidos novos de chitas alegres, tendo ao pescoço diversas voltas de aljofares.

Cada uma leva á mão o seu lencinho branco perfumado.

Durante a reza as mulheres respondem com voz forte e vibrante a ladainha da Santa Virgem cantada por um sacerdote.

O pequeno sino em estridentes repiques annuncia o fim da novena, e todos saem do templo satisfeitos de haver concorrido para o esplendor da festa da padroeira.

A vozeria é geral.

Pouco depois começam os divertimentos.

Aqui dançam os burguezes a valsa e a quadrilha; alli o povo toma parte no samba sapateando ao som das violas, a que acompanham escolhidos cantadores em desafio.

Que noites agradaveis!

Nada mais curioso que a volta dos romeiros á Capital; uns em carroças, outros a cavallo com mulheres na garupa, a maioria a pé numa alegria indizivel, levando todos n'alma muitas saudades do formoso povoado.

E lá se fica elle de novo com a sua praia silenciosa e as suas encantadoras lendas.

BARRA DO PACHECO

A Barra é hoje um local silencioso e triste, que relembra apenas os feitos do passado

Foi alli a primeira povoação que se fundou, em 1603, na antiga capitania do Siará.

Situado á beira mar e á direita do rio Ceará, não deixa, apezar de seu complato desapparecimonto, de ser muito e muito aprazivel pela multiplicidade de perspectivas que apresenta.

D'este lado é um campo aberto a que bordam flôres infundibuliformes da salsa *(ipomea littoralis)* já esparsas alegremente na planicie, já matizando o cimo dos arbustos n'um delicioso capricho de gradação de côres; d'aquelle —são largos lençóes de areia muito branca que se distendem pela praia em fóra, cuja alvura nos reflexos do sol a modo que reflecte ondulações de prata em fusão; alli uma especie de túnel na matta de *rishophora mangle* por onde escondido o João de barro *(Furnarius rutus)*, valente tracheophone da familia dos tenuirostros, faz retumbar de instante a instante sua voz ruidosa em escala descendente; além, lado do sul, a cinta suavemente azul da montanha de Maranguape, que osmaece a meia luz do horisonte, lá onde os planos pelo afastamento parece que se confundem.

Na curva da praia está o immenso morro, que ameaça de continuo soterrar o rio, não o conseguindo até hoje por força do fluxo e refluxo das marés, que removem e expellem as areias para as costas, afim de continuarem o seu eterno caminho de sul a norte.

Por detraz, a poucos passos, enconfram-se os restos da primeira villa, cujo local é conhecido pelo nome de villa-velha. Ainda se vêem pedaços de alicerces do antigo forte de S. Sebastião, e pouco abaixo, no mesmo rumo, o famoso sitio pertencente á familia Carvalho, o qual gosa de todas as vantagens de magnifica propriedade rural.

Do lado esquerdo do rio acha-se a poetica e amena vivenda do Snr. Francisco de Oliveira, escondida na matta de côqueiros, —um pequeno paraiso de frescura, de canções do mar, de rumurejo das brizas nas palmas dos côqueiros, de gorgeios de aves, de noites constelladas, de todo o conforto, toda a quietitude, emfim.

Entre uma e outra habitação passa o rio, que serviu em tempos idos de ancoradoiro aos navios até o dominio hollandez em 1649, quando foi mudado o forte para o alto Marajaitiba, onde está hoje a fortaleza de N. S. d'Assumpção.

Pela margem direita vêem-se pequenas casas de pescadores, que têm as suas jangadas na enseada dos Arpuadores á pouca distancia. na costa, lado do sul.

E' um logarejo muito agradavel.

A imaginação popular tem enriquecido essas paragens de lendas cada qual mais mimosa, mais delicada.

Ainda não ha muito, achando-me por alli a passeio, fui surprehendido pela noite, e dentro em pouco a lua, erguendo-se por sobre a matta, prateava docemente o campo e o mar.

Todo aquelle espaço esplendia á suavidade da luz pallida; os morros tomavam fórmas alterosas, desenhando em sombra do lado do poente figuras caprichosas; revestia-se além o flanco das collinas de magicos fulgores, emquanto q'os arvoredos exhalavam grato aroma e faziam fluctuar no seio da noite silenciosa uma especie de calma perfumada.

Era um espectaculo grandioso. um desdobramento de seducções impossivel de traduzir-se, aprazivel enleio que derrama n'alma a luz branda e suave do astro da saudade.

Embevecido na contemplação da noite serena, acudiam-me á mente as ultimas palavras da desditosa Iracema, a filha de Araken.

O velho André, caboclo descendente dos Tabajaras, foi mostrar-me alli perto o logar, onde, segundo a tradição de seus avós, havia sido sepultada aquella infeliz

India que se apaixonara pelo guerreiro branco, Martim Soares Moreno, de quem tivéra um filho, causa de suas tristezas e de sua morte.

Aqui, me disse elle, existiu um côqueiro, e no tronco deste foi sepultada a pobre que se finou de saudade do seu primeiro amor.

A jandaia, sua companheira, repetiu sempre o seu nome ainda por muito tempo depois de seu desapparecimento da terra, e o seu filho foi arrebatado, com o seu cãosinho, o Japy, para longe, bem longe do logar onde nascera, razão por que todo filho d'esta terra é forçado a emigrar, e começou a principio a tremer-lhe a voz, depois a chorar á lembrança dos seus parentes, que tinham ido procurar fortuna no Amazonas, e nunca mais haviam voltado.

O primeiro cearense, ainda no berço, deixava a terra da patria, e nós, por condemnação eterna, havemos sempre de procurar as condições de vida por toda a parte como o Judeu da lenda, disse-me elle.

E continuou a chorar e a olhar para o céo limpido e azul, onde a lua deslisava mansa e serena.

ANTONIO BEZERRA.